

REVISTA

DIALÓGO E INTERAÇÃO

ISSN 1275-3687

19

NÚMERO 1



FACCREI

O TRABALHO DIDÁTICO COM TEXTOS QUE VEICULAM A DESINFORMAÇÃO COMO FORMA DE OPORTUNIZAR LETRAMENTOS CRÍTICOS

DIDACTIC WORK WITH TEXTS THAT CONVEY MISINFORMATION AS A WAY OF PROVIDING CRITICAL LITERACIES

297

Camila Maria dos Santos Silva*

Marcos Roberto dos Santos Amaral**

RESUMO: objetiva-se investigar como pode ser feito, em sala de aula, o trabalho didático com textos que veiculam desinformação como forma de oportunizar letramentos críticos. De forma específica, descreve-se como uma atividade de leitura de textos que veiculam desinformação pode ser embasada em conhecimentos teórico-metodológicos da Linguística Aplicada (LA). Ademais, apresenta-se alternativas de promoção de letramentos críticos por meio da (re)construção dos sentidos de textos para que os estudantes consigam identificar processos de desinformação (Wardle e Darakhshan, 2017; Targino e Cavalcante, 2020; Charaudeau, 2022; Hissa, 2021; Hissa, 2023; Bertoletti; Zilio-Passerini, 2023). Para isso, discute-se acerca do objeto teórico-metodológico da LA como uma ciência essencialmente crítica a partir de Scheifer (2013), Tílio, (2019), Silva (2021), Pereira (2021) e Sousa (2021). Além disso, promove-se uma reflexão em torno do conceito de letramentos críticos com base em Freire (1974), Soares (2004), Cassany e Casstellà (2010), entre outros. Em seguida, selecionamos duas postagens publicadas em páginas jornalísticas do Instagram. A princípio, foi realizada uma análise linguística e discursiva dos textos para propor como pode se dar o tratamento didático do texto, apontando suas implicações para o exercício da cidadania. Conclui-se que um trabalho pedagógico embasado na LA e comprometido em promover letramentos precisa ter um viés crítico, uma vez que promove reflexões e conhecimentos que impactam a formação dos estudantes como cidadãos atuantes na sociedade em que vivem.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino. Leitura. Criticidade.

ABSTRACT: the aim of this study is to investigate how didactic work with texts that convey misinformation can be carried out in the classroom as a way of providing critical literacies. Specifically, it describes how an activity of reading texts that convey misinformation can be based on theoretical-methodological knowledge of Applied

*Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE), profacamilasantos@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-0543-2473>.

**Doutor em Linguística Aplicada e professor do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE), profroberto.amaral@uece.br, <https://orcid.org/0000-0001-8130-4580>.

Linguistics (AL). Furthermore, it presents alternatives for promoting critical literacies through the (re)construction of the meanings of texts so that students can identify misinformation processes (Wardle and Darakhshan, 2017; Targino and Cavalcante, 2020; Charaudeau, 2022; Hissa, 2021 and 2023; Bertoletti and Zilio-Passerini, 2023). To this end, we discuss the theoretical-methodological object of AL as an essentially critical science based on Scheifer (2013), Tílio (2019), Silva (2021), Pereira (2021) and Sousa (2021). In addition, we promote a reflection on the concept of critical literacies based on Freire (1974), Soares (2004), Cassany and Casstellà (2010), among others. Next, we selected two posts published on journalistic pages on Instagram. Initially, a linguistic and discursive analysis of the texts was carried out to propose how the text could be didactically treated, pointing out its implications for the exercise of citizenship. We conclude that pedagogical work based on AL and committed to promoting literacies needs to have a critical bias, since it promotes reflections and knowledge that impact the formation of students as active citizens in the society in which they live.

KEYWORDS: Teaching. Reading. Criticality.

1 Considerações Iniciais

Em 2016, o mundo assistiu aos Estados Unidos eleger democraticamente Donald Trump como presidente e, posteriormente, conhecer, por meio da mídia, o esquema de *fake news* que estava por trás de sua campanha eleitoral, por exemplo, quando o então presidenciável afirmou¹ que o ex-presidente Barack Obama não era norte-americano, que o México envia estupradores e outros criminosos para os EUA, que os democratas criaram o Estado Islâmico, entre outras informações que confundiram os eleitores. Em 2018, o Brasil elegeu como presidente, também de forma democrática, Jair Messias Bolsonaro que, em seguida, foi acusado de também ter feito uso de *fake news* como estratégia eleitoral, como a existência de um “kit gay”² distribuído para crianças de 6 anos, a defesa de incesto e comunismo por Haddad em um de seus livros, entre outras inverdades. No entanto, essas não foram as únicas vezes quando as notícias falsas foram usadas como um artifício para manipular a

¹Informações disponíveis em: <https://g1.globo.com/mundo/eleicoes-nos-eua/2020/noticia/2020/11/09/relembre-as-mentiras-mais-famosas-de-trump.ghtml>. Acesso em 22 dez. 2024.

²Informações disponíveis em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/18/actualidad/1539847547_146583.html. Acesso em 22 dez. 2024.

opinião pública e promover ideologias. Contudo, os impactos causados no mundo, depois da eleição de Trump, como o rompimento de acordos para o favorecimento ambiental; e no Brasil, após as eleições de 2018, como o mal gerenciamento de ações de controle da pandemia, a elevação no nível de desmatamento e o desrespeito à população indígena, entre outros; acenderam um alerta na comunidade acadêmica para compreender melhor esse fenômeno e elaborar alternativas para amenizar os impactos desse problema social da disseminação de *fake news*. Com o avançar das pesquisas, percebeu-se que estamos diante de um problema de desinformação do qual as *fake news* são uma faceta.

As salas de aulas não podem ser alheias a esse cenário político-social. Sob esse horizonte, os conceitos difundidos pela Linguística Aplicada (LA) devem fazer parte da formação dos professores, uma vez que essa ciência possui uma base teórico-metodológica inseparável das questões do cotidiano, pois encontra na linguística vivida - conforme nomeou Pereira (2021) ao tratar da ciência da linguagem que parte do cotidiano - inspirações para o desenvolvimento das pesquisas científicas desenvolvidas no ambiente escolar e para as reflexões linguísticas e discursivas promovidas a partir dessas pesquisas. Dessa forma, o que fazemos em sala de aula é muito mais que ensinar um código ou como decodificá-lo, mas promovemos práticas sociais emancipadoras (Freire, 1974) comprometidas com a exposição dos estudantes a eventos de letramentos (Street e Street, 2014) e, mais especificamente, de letramentos críticos (Cassany e Castellà, 2010). Baseando-se nisso, nenhuma situação de ensino-aprendizagem deve fugir da promoção da criticidade em seus alunos.

Por isso, objetivamos, com esse estudo, investigar como pode ser feito o trabalho didático com textos que veiculam a desinformação como forma de oportunizar letramentos críticos. De forma específica, buscamos descrever como uma atividade de leitura de textos que veiculam a desinformação pode ser embasada em conhecimentos teórico-metodológico da LA. Ademais, intentamos demonstrar alternativas de promoção de letramentos críticos, a partir de textos que provem a

desinformação, como forma de incentivar a compreensão desse fenômeno a fim de evitar os efeitos que o discurso vinculado neles podem causar na sociedade.

Para isso, organizamos esse estudo em quatro momentos: a princípio, discutimos conceitos teóricos-metodológicos intrínsecos à LA; em seguida, problematizamos questões teóricas e metodológicas relacionadas ao conceito de letramentos, virando os holofotes para o conceito de criticidade também corriqueiramente relacionado a letramentos; além disso, problematizamos o conceito de desinformação e apontamos como ele é apresentado na BNCC; por fim, mobilizamos esse aporte teórico-metodológico para a análise de duas postagens, nas quais encontramos indícios de desinformação e propomos sugestões de trabalhos didáticos com esses textos, destacando noções como interdisciplinaridade, indisciplinariedade e transdisciplinaridade da LA.

Na seção a seguir, trataremos especificamente sobre a LA e as implicações do termo “crítica” sempre atrelado a essa perspectiva.

2 A Sala de Aula como Palco de uma Linguística Aplicada Crítica

A Linguística Aplicada (LA) nasceu em berço pedagógico, uma vez que os materiais didáticos e os processos de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras foram sua primeira preocupação. Com o passar do tempo, consagrou-se como uma ciência independente da Linguística, embora, conforme Silva (2021), ainda existam instituições que ainda elenquem a LA como uma subárea da Linguística. Essa independência deve-se ao fato de a LA ter bem consolidado seu objeto de estudo e um aporte teórico-metodológico diferente da ciência da qual partiu.

Tais diferenças, de forma simplificada, dizem respeito principalmente ao caráter desterritorializador da LA, como aponta Scheifer (2013, p. 9): “É necessário considerar que não há território, não há saberes construídos, sem uma estruturação em rede que conecte diferentes pontos ou áreas”. Assim, é comum que as pesquisas abraçadas pela ciência em questão sejam interdisciplinares, pluridisciplinares, multidisciplinares,

indisciplinares³ ou transdisciplinares, ou seja, bebam de fonte de diferentes áreas do saber, de modo que apresentem contribuições para as diversas áreas ou, ainda, que não seja possível, no processo de pesquisa, delimitar fronteiras entre as áreas do conhecimento, uma vez que os objetos/sujeitos de pesquisas, as contribuições teóricas e metodológicas e as conclusões atravessam as áreas de forma que não seja possível apontar fronteiras entre elas.

Há ainda um perfil de pesquisador(a) em LA, ou professor(a), sensível aos usos cotidianos da linguagem e engajado no que acontece ao seu redor, além disso, comprometido em assumir posicionamentos e em olhar para a pesquisa ou para a sala de aula de forma humanizada. É pensando nesse perfil de pesquisador(a)/professor(a) que Pereira (2021) advoga por uma linguística vivida, cujo conceito é muito próximo do que Souza (2021) chama de Linguística Aplicada Crítica. Enquanto Pereira (2021, p. 86) defende “uma prática linguística vivida, numa perspectiva eminentemente ecológica por meio da qual buscamos reiteradamente fundir teoria e prática”; Souza (2021, p. 20) define a Linguística Aplicada Crítica “a partir de práticas caracteristicamente decolonial, insurgente, simétrica, engajada, militante, popular, cooperativa, inclusiva, interventiva e emancipatória”. Assim, ambos pesquisadores vivenciaram situações de pesquisa em que a prática alimentou as teorias com as quais eles trabalhavam e as teorias norteavam suas práticas científicas e pedagógicas. Defendemos, então, que não é possível mais ver uma LA distante desses conceitos, por isso, advogamos que toda forma de ser e fazer LA precisa ser crítica, o que não exclui, por exemplo, a singularidade da Linguística Aplicada Crítica, como uma vertente da LA.

Na defesa do ponto de vista da criticidade como uma característica eminente da LA, gostaríamos de nos apoiar na discussão que Tilio (2019) faz a respeito do conceito da palavra “crítico” para caracterizar a LA e as pesquisas que atravessam essa ciência. Para o autor, há diferentes conceitos da referida palavra, além disso, ela tem sido usada de forma banalizada. Tilio (2019) elenca como acepções da palavra

³ É importante ressaltar que o uso desse termo se embasa no que defende Moita Lopes (2011) sobre o caráter transgressor dos limites disciplinares próprios da Linguística Aplicada.

“crítico”: 1. pensamento crítico, 2. análise da relevância social, 3. modernismo emancipatório, 4. prática problematizadora, 5. engajamento com as diferenças e distanciamento. Para cada uma delas, o autor tece considerações, por exemplo, ao usar a palavra “crítico” para tratar de uma prática problematizadora, muitos críticos apontam a subjetividade e o relativismo das interpretações, entretanto, Tilio (2019) defende que toda interpretação é subjetiva, assim, o professor(a)/pesquisador(a) deve levar em consideração essas subjetividades, logo, essa característica, para LA, não é negativa, como se poderia pensar a princípio, mas um fato de análise e de ponderação.

Para posicionar-se diante da discussão, Tilio (2019, p. 30) propõe uma visão da palavra “crítico” disposta a “desafiar e questionar constantemente o conceito de ‘normal’”, além disso, comprometida a “trabalhar para a justiça social” com o objetivo de “construir uma base de conhecimento sólida que permita o estranhamento de naturalizações” e que crie “condições para a autorreflexão”, mantendo as “expectativas em alta”. Assim, defendemos que é a partir dessa concepção de “crítico” que devemos nortear nosso fazer científico e pedagógico em LA. Esse conceito se coaduna com o que defende Correia (2021) ao pontuar que:

para que seja crítico e agencie suas escolhas de trabalho, o sujeito acadêmico, não sendo somente reprodutor, consagrador e sofisticador de métodos já consagrados, pode ser efetivamente crítico, ou numa linguagem mais direta, conforme utilizada por Rajagopalan (2014), *desconfiado em relação ao que está posto, conclusivo*. (CORREIA (2021, p. 48. Grifos nossos)

Dessa forma, usar a palavra “crítico” para caracterizar a LA pode ser redundante, uma vez que é difícil conceber uma LA que não atenda à acepção desse termo conforme discutimos aqui. Nesse sentido, é necessário que não só pesquisadores(as) em LA, mas também professores(as) de línguas tenham em sua formação orientação para fazerem da sala de aula um ambiente em que se

ultrapassa a esfera espontânea da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica. (SOUSA, 2021, p. 46. Grifos nossos)

Nessa esteira, é importante destacar o uso do termo “crítico” em oposição à neutralidade, assim a criticidade exige engajamento e posicionamento diante das práticas de interação por meio de textos contra injustiças sociais. Logo, o adjetivo “crítico(a)” deve atravessar todas as pesquisas em LA, além disso, deve ser propiciado ao(à) professor(a) de línguas formação para que possa também estreitar as distâncias entre teoria e prática, o que necessariamente atravessa um fazer pedagógico crítico. Para dar continuidade a essa discussão, na seção seguinte, discutimos como o conceito de “crítico” se constrói no âmbito dos estudos voltados para os letramentos.

3 Existem mesmo Letramentos Críticos?

Conforme o IBGE⁴, 9,6 milhões de pessoas no Brasil não sabem ler e escrever. Para esses brasileiros, faltam políticas públicas educacionais que resolvam esse problema. Diante dessa preocupante situação questionamos o que falta para aqueles que, embora saibam ler e escrever, não compreendem o que leem? A situação dessas pessoas evidencia um grave problema na educação brasileira que diz respeito não apenas à alfabetização, mas à exposição dos alunos a circunstâncias que os levem a dominarem práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita críticas.

É com base nesse contexto que Soares (2004) esclarece as diferenças entre alfabetização – processo em que o ensino-aprendizado se volta para o desenvolvimento de habilidades de codificação e decodificação da língua escrita – e letramentos – participação em experiências diversificadas com leitura e escrita. A alfabetização é um processo finito, enquanto os letramentos podem ocorrer ao longo de toda a vida, uma vez que estamos sempre expostos a situações sociais que exigem habilidades e leituras distintas. Esses processos podem, inclusive, acontecer de forma concomitante, como podemos inferir a partir de Freire (1974) que, atuando em um contexto de educação de adultos, entendia o processo de construção dos saberes como arma para vencer as desigualdades sociais. Com isso, Freire (1974) propõe

⁴ Dados disponíveis em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37089-em-2022-analfabetismo-cai-mas-continua-mais-alto-entre-idosos-pretos-e-pardos-e-no-nordeste>. Acesso em 22 dez. 2024.

uma dicotomia que opõe de um lado a educação bancária e de outro a educação libertadora.

A educação bancária é essa a qual estamos acostumados a lidar, que forma para o mercado de trabalho, que instrui para que os alunos elevem os índices que medem o desenvolvimento produtivista educacional, que acredita na transmissão do conhecimento. Como explica Bezerra (2014), a história da humanidade passou por transformações que explicam por que ainda reproduzimos a educação bancária. Segundo a autora, tal modelo educacional está diretamente ligado aos moldes capitalistas/burgueses de fazer educação. Esse sistema é responsável por formar analfabetos funcionais, ou seja, pessoas que, apesar de terem sido alfabetizadas, têm dificuldade, por exemplo, de compreensão textual.

Por outro lado, Freire (1974) defende a educação libertadora que está atrelada a um processo dialógico de construção dos saberes, no qual não é possível a transmissão de conhecimento, uma vez que ele é uma construção que se dá no compartilhamento de experiências entre os aprendizes. Dessa forma, a educação não está a serviço do capital, mas em benefício das necessidades de uma vida em comunidade, assim como na era primitiva, na qual, conforme nos conta Bezerra (2014), as pessoas compartilhavam conhecimentos que facilitavam a vida em comunidade, logo a educação não estava voltada para aprendizagem de técnicas para gerar lucro ou aumentar a produção. É contra o retrocesso advindo da posse capitalista do saber, que Freire (1974) propõe um processo de ensino-aprendizagem situado, que se aproxima da realidade dos estudantes. Logo, não há dúvidas de que, principalmente no que diz respeito à educação pública, precisamos fazer da pedagogia freiriana a nossa prática.

A concepção de educação libertadora é muito próxima ao conceito de letramentos que, com o avançar das pesquisas, tem sido aliado a diferentes adjetivos: letramento digital (Coscarelli, 2011), letramento literário (Cosson, 2015), letramentos de reexistência (Sousa, 2021), entre muitos outros. Isso ocorre porque, conforme explicam Brito, Sousa e Alencar (2023, p. 325), “cada contexto exigirá um trabalho com um letramento específico, apropriado, de maneira que a opção constitui uma

decisão política e jamais neutra”. Todos os letramentos, embora tenham suas especificidades, conservam em sua essência a necessidade de expor os estudantes a situações reais de uso da linguagem. Por esse motivo, há muitos tipos de letramentos, pois são várias as formas humanas de vivenciar a linguagem e são muito diversas as práticas sociais de comunicação.

Caminhando nessa perspectiva, Cassany e Casstellà (2010) diferenciam três concepções de “crítico” para letramentos para explicar como alcançamos a perspectiva crítica: a primeira concepção é a tradicional, que objetiva buscar o sentido correto do texto; a segunda é a interpretativa, a qual entende que o texto é um processo cognitivo; e a terceira é a perspectiva crítica, que defende que compreender um texto é construir sentido com base em contextos sociais, políticos e culturais. Dessa forma, um trabalho pedagógico baseado nas duas primeiras perspectivas é um retrocesso que não podemos mais conceber. Por isso, é necessário que a promoção de letramento busque, conforme defendem Cassany e Casstellà (2010), situar o discurso no contexto sociocultural produção e circulação dos textos; reconhecer e participar nas práticas discursivas; e calcular os efeitos que o discurso causa na sociedade e em si mesmo. Com base nessa reflexão, que parte do conceito freiriano e chega ao atual conceito de letramento crítico é que se lança a pergunta: é possível conceber uma prática pedagógica voltada para leitura e escrita que não envolva letramentos críticos?

Pretende-se com essa indagação pensar sobre a redundância em usar a expressão “letramentos críticos”, uma vez que o conceito de letramentos pressupõe a criticidade, pois, ao proporcionar práticas de letramentos, independentemente de sua especificidade, necessariamente deve-se provocar a criticidade dos estudantes. Dessa forma, promover processos de ensino-aprendizagem de leitura e/ou escrita tendo como base uma pedagogia libertadora e a atual concepção teórico-metodológica que envolve o conceito de letramentos, é desenvolver a criticidade dos estudantes e evitar que eles façam parte das estatísticas que apontam um número assustador de analfabetos funcionais, ou seja, de pessoas que, mesmo tendo sido alfabetizadas, têm dificuldade de lidar com situações concretas que envolvem a leitura

e a escrita. Não queremos com isso minimizar a importância da vertente de estudos nomeada Letramento Crítico, posto que os estudos desenvolvidos nessa vertente possuem aporte teórico e metodológico de relevância que contribuem para defesa do que propomos.

Dessa maneira, compreendemos que o trabalho científico ou didático com a perspectiva dos letramentos possui uma relação estreita com os preceitos da LA, da qual tratamos na seção anterior. Portanto, tratamos aqui de conceitos imprescindíveis para uma concepção de ensino-aprendizagem que visa a contribuir para a transformação social e engajada numa educação libertadora, como idealizava Freire (1974).

É importante ressaltar que não conseguimos enxergar um processo de educação linguística de forma não crítica, principalmente se embasado na LA e nas concepções que norteiam os letramentos. Por isso, entendemos que, ao usar a expressão “letramentos críticos”, estamos sendo redundantes, uma vez que, independentemente de qual seja o adjetivo que caracterize o termo “letramentos” a fim de especificá-lo, todos eles são críticos, caso contrário, divergem dos conceitos teóricos-metodológicos que atravessam os conceitos de letramentos, além de que toda prática sempre remete valorativamente a uma perspectiva de construção do mundo.

Após questionar a LA crítica e os letramentos críticos, na seção seguinte, apresentamos os conceitos de desinformação com o qual trabalhamos, assim como a importância da promoção desse tema na Educação Básica com base nos documentos educacionais oficiais.

4 Desinformação: Conceitos e Ensino-aprendizagem para o Desenvolvimento da Críticidade

É importante inicialmente pontuar que todos nós somos suscetíveis à desinformação, independente de nosso grau de escolaridade ou de instrução, pois, conforme Pennycook e Rand (2019), essa suscetibilidade também está relacionada

às nossas ideologias, ou seja, tendemos a aceitar aquilo com que concordamos. Por isso, diante das novas tecnologias e das mídias sociais, é preciso estarmos em constante estado de vigilância em relação a esse problema social.

Para nos situar no amplo campo dos estudos acerca da desinformação, é importante discutir o conceito do termo “desinformação”. Wardle e Darakhshan (2017) defendem que desinformação é uma informação falsa e intencional com objetivos bem definidos. Para entender esse conceito, é necessário esclarecer que os autores apontam três tipos do que eles nomeiam “desordem da informação”: desinformação, quando há um propósito na produção da informação falsa; informação incorreta, a qual não tem o propósito de causar dano; e má informação, notícia teoricamente verdadeira, mas distorcidas que podem gerar danos. Observamos que Wardle e Darakhshan (2017) são os autores mais citados em artigos, dissertações e teses que abordam o conceito de desinformação. Targino e Cavalcante (2020) tratam de patologias sociais da informação, classificando três patologias: a desinformação, com produção, consumo e circulação de conteúdo falso; a hiperinformação, excesso de publicações que ocasionam a invisibilização de informações relevantes; e a hipertrofia da informação, a veiculação de muitas informações, o que gera problemas de processamento dessas informações pelos leitores.

Para Bertoletti e Zilio-Passerini (2023), desinformação é um termo guarda-chuva, uma vez que, de maneira geral, pode ser entendido como oposto de informar, podendo ainda ser não informar, informar erroneamente, a partir de um conteúdo distorcido, que cause dúvida ou confusão. Acrescentamos ainda a variante “estar desinformado(a)” que atrela o conceito a ausência de informação. Assim, ao usarmos o termo “desinformação”, posicionamos-nos a partir de uma consciência crítica de que se trata de um conceito multifacetado, em evolução e que não deve ser, pelo menos por hora, ser aprisionado em uma definição estanque, pois ainda há muito ser compreendido sobre isso tendo em vista as práticas sociais. Para colaborar essa reflexão, apresentamos o conceito de verdade apontado Charaudeau (2022) a fim de estendê-lo por analogia aos conceitos desinformação:

A verdade do ponto de vista da linguagem encontra-se na articulação entre a forma como os sujeitos representam para si o mundo por meio do seu saber, e o tipo de relação na qual interagem. Ela é, portanto, subjetiva e até intersubjetiva. (Charaudeau, 2022, p. 22).

Logo, como a verdade depende da situação de interação e, assim, dos interlocutores, das circunstâncias de enunciação, dos valores daqueles que interagem com ela, entre outros fatores; entendemos que é também assim que devemos encarar a desinformação. Para apontar um texto como desinformativo, é necessário avaliar os inúmeros fatores que o envolvem a situação de interação da qual ele está inserido.

No que se refere ao ensino-aprendizagem de leitura para que os estudantes desenvolvam a criticidade para identificar práticas sociais propícias a desinformação, encontramos respaldo no que orienta a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Por ser um documento publicado em 2017, ainda não é possível encontrar na BNCC o uso do termo “desinformação”, o que entendemos hoje sobre essa problemática social se trata de um amadurecimento das pesquisas voltadas para esse fenômeno. Contudo, o referido documento trata de “fake news”, “bolhas digitais”, “pós-verdade”, entre outros termos pertinentes ao universo das desordens ou patologias da informação e orienta o desenvolvimento de competências e habilidades para lidar com esse fenômeno. É importante ressaltar que realizar um trabalho pedagógico com texto em que se identifica desinformação e fazer com que os alunos vivenciem práticas sociais e desenvolvam letramento para saberem lidar com elas.

Depois de nos situarmos no conceito de desinformação e na importância do trabalho pedagógico com essa temática, a seguir, dialogamos sobre as interseções entre LA e a perspectiva dos letramentos, mostrando, a partir da análise de textos que vinculam desinformação, como uma educação linguística baseada nessas perspectivas teórico-metodológicas não consegue fugir de uma abordagem crítica, ou seja, práticas de ensino-aprendizagem que visem combater lógicas colonizadoras.

5 O Trabalho Didático com Textos que Veiculam a Desinformação

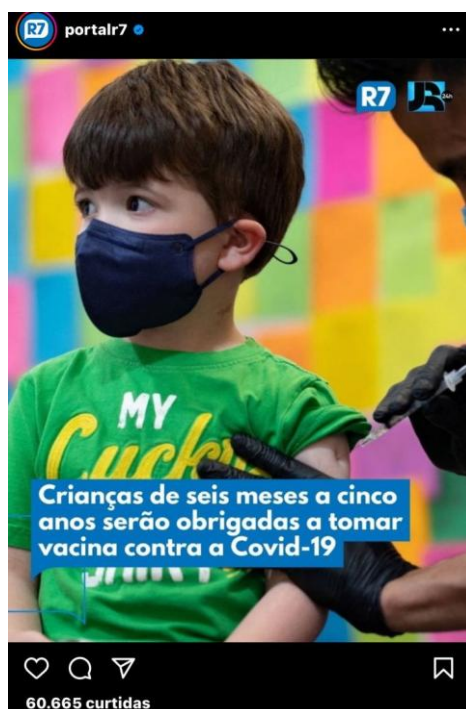
É pensando em um(a) professor(a) de línguas formado(a) a partir de uma Linguística Aplicada vivida (Pereira, 2021) e crítica (Sousa, 2021) e comprometido(a) em propiciar oportunidade de letramentos atreladas às necessidades de formar cidadãos capazes de reconhecer e lidar com a desinformação (Bertoletti; Zilio-Passerini, 2023) como uma prática social (Street; Street, 2014) comum na sociedade em que vivemos que propomos a leitura dos textos selecionados para análise neste estudo. As postagens que compõem o *corpus* do artigo foram retiradas da rede social Instagram, mais especificamente de perfis ligados à mídia jornalística brasileira. O texto 1 foi retirado do perfil @portalr7, que possui impacto nacional por ser a página oficial do Instagram da emissora de TV Rede Record, já o texto 2 foi retirado do perfil @opovoonline que possui impacto estadual, já que está vinculado ao jornal impresso e online “O povo”, amplamente comercializado no estado do Ceará. Tendo em vista as ferramentas de interação dessa rede social, é importante esclarecer que focamos na análise das postagens, sem levar em consideração, por exemplo, os comentários do *post*, que poderiam, inclusive, confirmar as consequências da desinformação. Todavia, essa escolha metodológica se deve a questões de delimitação deste estudo.

É exatamente a forma como os enunciadores das postagens representam o mundo, assumindo posicionamentos políticos-ideológicos, e a subjetividade presente no texto pode ser inferida por meio das escolhas linguísticas que nos interessa neste estudo, pois são esses fatores (discursivos e linguísticos) que nos levarão a identificar os indícios de processos de produção de desinformação presentes no texto. Para isso, inicialmente, expomos cada texto e, na sequência de cada um, fizemos a análise linguística e discursiva, propondo uma sugestão didática com esses textos no intuito de que os professores(as) produzam aulas em que os alunos possam percorrer caminhos que os levem a (re)construir os sentidos do texto a fim de identificarem os indícios de desinformação. Lembrando que o objetivo do trabalho didático com os textos não é apontar a melhor forma de fazer uso pedagógico desses textos, tampouco

a única maneira, mas apenas apresentar uma sugestão que está aberta a ser aperfeiçoada, tendo em vista a realidade de cada sala de aula.

A seguir, apresentamos o primeiro texto:

Figura 1 - Vacinação contra COVID- 19 em crianças



Fonte: Sem título. 31 out. 2023. Instagram: @portalr7. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CzEgZG9C3fg/>. Acesso em: 07 nov. 2023.

O texto 1 foi retirado do perfil @portalr7 da rede social Instagram que faz parte de um canal de comunicação da emissora Rede Record de televisão. Esse perfil tem mais de 6 milhões de seguidores que acompanham a página no intuito de se inteirar sobre informações da atualidade. Além da imagem de uma criança sendo vacinada, o texto apresenta a seguinte parte verbal: “Crianças de 6 a 5 anos serão obrigadas a tomar vacina contra Covid-19”.

De fato, a vacina⁵ contra covid 19 passou a fazer parte do calendário de vacinação do Ministério da Saúde. Contudo, a opção por usar o enunciado “serão obrigadas” atribui ao texto um viés político-ideológico que evidencia o posicionamento do canal de comunicação acerca da nova orientação do governo. Para compreender esse cenário, é necessário apontar os aspectos linguísticos e discursivos que envolvem a utilização desse termo para que se entenda as consequências da divulgação de informações como essa, a qual consideramos desinformação pelos motivos que expomos a seguir.

O dicionário *online* Michaelis oferece oito acepções para o verbo obrigar⁶: 1. Sujeitar(-se) a uma obrigação legal ou moral; 2. Sentir(-se) forçado a agir de certa forma por necessidade; 3. Expor(-se) a certa situação; 4. Assumir uma obrigação; 5. Dar como garantia; 6. Tornar alguém preso por afeição ou agradecimento; tornar grato; 7. Tornar exposto a um risco ou a uma obrigação; 8. Tornar submisso. Com exceção das acepções de número 5 e 6, as demais apontam o significado do verbo dentro do contexto da figura 1. Assim, para o canal de comunicação, as crianças serão forçadas a tomar a vacina por estarem submissas a uma decisão governamental. Tal discurso está diretamente ligado ao posicionamento político adotado pela Rede Record, em geral, contrário à perspectiva ideológica do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Essa narrativa se constrói antes do presidente petista assumir seu 3º mandato presidencial, pois, mesmo antes do período eleitoral de 2022, a emissora sinalizou ter afinidade com o discurso religioso adotado como estratégia de campanha pelo adversário político Jair Messias Bolsonaro (PL).

Dessa forma, a opção por utilizar o recurso linguístico “serão obrigadas” evidencia o posicionamento político-ideológico do enunciador e, diante do alcance do perfil, dissemina um discurso que traz consequências que podem impactar a saúde

⁵ Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/outubro/vacina-contracovid-19-sera-incluida-no-calendario-nacional-de-criancas-e-grupos-prioritarios-a-partir-de-2024>. Acesso em 22 nov. 2024.

⁶ OBRIGAR. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/obrigar/>. Acesso em 07 nov. 2023.

de muitos brasileiros. Segundo informações do DATASUS do Ministério da Saúde⁷, a taxa de crianças vacinadas no país tem caído e ficado muito abaixo do esperado, que é de 90%. Isso se deve ao fato do fortalecimento do Movimento Antivacina⁸ ter ganhado diversos adeptos que acreditam em informações não científicas e *fake news*, muitas dessas notícias circulam em diferentes redes sociais. Sobre a vacina de covid 19 para crianças, é fato que, conforme divulgação do Ministério da Saúde⁹, ela passou a fazer parte do esquema vacinal orientado para crianças, como as demais vacinas antes já previstas.

Assim, quando um meio de comunicação tão significativo nacionalmente e que possui tantos seguidores, opta por essa escolha lexical para informar que um novo tipo de vacina entrou para o calendário de vacinação do Estado, isso traz implicações discursivas e políticas. Contudo, o maior impacto diz respeito à saúde de milhões de brasileiros, que, ao serem convencidos pelo perfil, reagem contra a suposta imposição do governo, decidindo não vacinar seus filhos ou dependentes. Assim, nos termos de Wardle e Darakhshan (2017), o texto nos traz uma má informação, uma vez que a informação foi distorcida. Todavia, conforme conceitua Targino e Cavalcante (2020) e Bertoletti e Zilio-Passarini (2023), podemos também chamar de desinformação, posto que se trata da produção, consumo e circulação de um conteúdo que visa influenciar a opinião pública por meio da difusão de informações tendenciosas.

Esse tipo de texto precisa fazer parte da curadoria de textos realizada por professores de Língua Portuguesa para serem trabalhados em sala de aula, pois atende às orientações da BNCC (2017), já que, por meio dele, é possível levantar questionamentos relacionados a “fake news”, “bolhas digitais”, “pós-verdade”. A desinformação é um problema social perene, pois existe mesmo antes dos holofotes se voltarem para as *fake news*, devido aos impactos que elas causaram nas eleições

⁷ Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/queda-nas-taxas-de-vacinacao-no-brasil-ameaca-a-saude-das-criancas>. Acesso em 07 nov. 2023.

⁸ Indicamos a seguinte leitura para saber mais sobre o movimento antivacina: <https://www.politize.com.br/antivacina/>. Acesso em 07 nov. 2023.

⁹ Informação disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/novembro/covid-19-entenda-como-se-dara-a-vacinacao-de-criancas-a-partir-de-2024#:~:text=O%20Minist%C3%A9rio%20da%20Sa%C3%BAde%20anunciou,%C3%B3bitos%20pel a%20doen%C3%A7a%20no%20pa%C3%ADs>. Acesso em 22 dez. 2024.

presidenciais americanas de 2016 e nas eleições brasileiras de 2018, como citamos, por exemplo. Sendo assim, o trabalho pedagógico com textos que veiculam desinformação também precisa ser frequente, uma vez que formamos cidadãos que estarão sempre expostos à postagem como a que analisamos e precisam ter uma educação libertadora, como defendida por Freire (1974).

Um(a) professor(a) pesquisador(a) de língua que, em sua formação, aprendeu a estar atento às emergências dos sentidos via prática linguageiras da vida em sociedade, ou seja, que assume atos como os compreendidos pela LA conforme uma linguística vivida, como aponta Pereira (2021), realiza a curadoria dos textos que trabalha em sala de aula de maneira a propiciar letramentos aos estudantes que viabilizem seu pleno convívio social e que os impeçam de serem prejudicados por discursos que promovem a desinformação. Isso significa promover letramentos críticos conforme defendidos por Brito, Sousa e Alencar (2023), ao tratarem da decisão do professor(a) de não apelar para neutralidade; e Cassany e Casstellà (2010), ao apontar que os(as) educadores(as) precisam ensinar os estudantes construírem sentidos com base em contextos sociais, políticos e culturais, como os que estão posto a partir da leitura do texto da figura 1.

Ao trabalhar o texto 1 em sala de aula, o(a) professor(a) poderia instigar os alunos a pesquisarem em diferentes dicionários o significado do verbo “obrigar” e, em seguida, apontarem quais acepções melhor explicam o significado empregado no texto. Em seguida, pode estimular os estudantes a reelaborarem o enunciado verbal da postagem, usando escolhas lexicais diferentes que não afetassem o núcleo da informação, que é o fato da vacina contra covid19 passar a fazer parte do calendário de vacinação das crianças. Depois, as reformulações poderiam ser lidas em voz alta para que fossem discutidas as diferenças linguísticas e discursivas das novas escolhas lexicais. Além disso, o professor poderia também apresentar os dados do DATASUS do Ministério da Saúde em relação ao alcance das campanhas de vacinação e do percentual de crianças brasileiras vacinadas para que os alunos conseguissem inferir que a figura 1 produz uma desinformação que pode afetar a saúde da população ao ponto de levar a morte de pessoas.

É importante reiterar que essa proposta didática não precisa se realizar exatamente como planejamos aqui, podendo ser adaptada ao contexto de ensino que cada sala de aula exige. O que desejamos esclarecer é que aulas nas quais o(a) docente se preocupa com as leituras que os alunos fazem fora do ambiente escolar e com as implicações delas cumprem com duas funções. A primeira delas diz respeito ao desenvolvimento de saberes básicos, como inferir sentido de palavras ou expressões, distinguir fato de opinião relativa ao fato e reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de palavras, frases ou expressões, conforme sugerido pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A segunda está relacionada a um propósito muito maior: proporcionar uma educação libertadora (Freire, 1974) propiciando práticas de letramentos que, a nosso ver, objetivam desenvolver a criticidade dos estudantes, como afirmam Tilio (2019) e Correia (2021), visam questionar o conceito de normal e desconfiar de conceitos impostos e conclusos.

A seguir, apresentamos mais um texto em que podemos identificar desinformação e, para analisá-lo, seguiremos os mesmos passos metodológicos adotados na figura 1.

Figura 2 - Pesquisa sobre a quantidade de ingestão de água



Fonte: Sem título. 07 dez. 2022. Instagram: @opovoonline. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Ci48xP2BSMT/>. Acesso em: 01 fev. 2024.

A figura 2 foi retirada do perfil @opovoonline da rede social Instagram, que representa um dos jornais de maior circulação no estado do Ceará. Esse perfil tem mais de 1,7 milhões de seguidores e, conforme os administradores, trata-se de um portal de notícias sobre o Ceará, o Brasil e o Mundo. Na parte não verbal da postagem em análise, é possível ver um homem bebendo água e, em destaque, o enunciado “Seres humanos não precisam beber 2 litros ou mais de água por dia”. É importante mencionar que, na legenda dessa imagem, há um texto no qual o enunciador aponta que um estudo feito por mais de 90 pesquisadores publicado pela revista Science afirma que a quantidade de água que deve ser ingerida pelos seres humanos depende de uma série de fatores, além disso, explica de forma bastante resumida a metodologia da pesquisa.

Sobre isso, é importante apontar dois fatores: o primeiro diz respeito ao movimento de leitura realizado nas redes sociais e o segundo ao contexto social de

circulação do texto da figura 2. A respeito do primeiro fator, observa-se que todos os dias uma gama de informações circula nas redes, o que Targino e Cavalcante (2020) chamam de hiperinformação, e que os internautas têm preferido textos curtos. Diante da diversidade de informações, tipicamente, os internautas se desinteressam pela descrição na postagem e se deteriam apenas na leitura do trecho que foi destacado sobre a imagem. Como consequência disso, é comum negligenciar-se leituras mais aprofundadas sobre a legenda para saber qual o estudo, quais os pesquisadores, qual a revista em que foi publicado e a metodologia usada, informações que não são destacadas. Ainda que fosse do interesse, a legenda da postagem é muito vaga e chega a colocar em xeque a afirmação em destaque sobre a imagem, ademais o enunciador não facilita para o internauta o acesso ao artigo ou à revista responsável pela publicação do estudo.

Outro fator que deve ser levado em consideração é que a maioria dos seguidores do perfil são cearenses, uma vez que se trata de uma página oficial de um jornal de circulação estadual, assim, aqueles que moram no Ceará vivenciam um clima em que predomina o semiárido quente, enfrentam as secas periódicas e baixos índices pluviométricos, o que requer bastante hidratação. Levando esse fator em consideração e aliando ao fato de ser uma recomendação da Organização Mundial da Saúde o aumento da ingestão de água pela população mundial, o perfil presta um desserviço à comunidade ao escolher o trecho em destaque para compor a postagem. Nessa perspectiva, nos termos de Wardle e Darakhshan (2017), poderíamos classificar a informação em destaque como informação incorreta, contudo, embasados em Targino e Cavalcante (2020) e Bertoletti e Zilio-Passerini (2023), cabe chamá-la de desinformação, uma vez que, por ser um termo guarda-chuva, caracteriza as práticas que analisamos no texto da figura 2.

A desinformação vinculada na postagem reside então na escolha do trecho destacado “Seres humanos não precisam beber 2 litros ou mais de água por dia, diz estudo”, pois há um recorte do estudo manipulando equivocadamente os resultados da pesquisa a qual faz referência. Os pesquisadores publicaram que a quantidade de água a ser ingerida pelos seres humanos depende de fatores individuais (idade, sexo,

condição física) e de fatores externos (umidade do ar, temperatura e Índice de Desenvolvimento Humano), assim, há casos, bastante específicos, em que apenas 2 litros de água não é suficiente para manter a hidratação ideal, em outros, uma quantidade inferior será suficiente. Contudo, ao destacar que seres humanos não precisam tomar 2 litros de água ou mais, a postagem induz seus seguidores a pensar que, mesmo morando em uma região com as condições climáticas do Ceará, é saudável beber menos de dois litros de água e atribui essa ideia a um estudo, evocando uma voz de autoridade, o que confere credibilidade ao discurso. Dessa forma, os internautas que não leram a descrição da postagem e não conferiram a existência do estudo podem ser levados a construir um hábito que prejudica a saúde deles, uma vez que o enunciado destacado permite uma leitura de que generalizadamente os seres humanos precisam de pouca hidratação.

Reiteramos que esse tipo de texto precisa fazer parte da curadoria de textos realizada por professores(as) de língua portuguesa. Os alunos convivem com esses textos diariamente e precisam ter letramentos, na perspectiva de Brito, Sousa e Alecar (2023) e Cassany e Castellà (2010), para lidar com texto como o exposto na figura 1. Para isso, necessitam desenvolver criticidade para terem vontade de ler a legenda da postagem, para verificarem se o estudo realmente existe e perceberem o impacto do consumo desse tipo de informação em suas vidas, pois só assim alcançarão a criticidade defendida por Tilio (2019) e Correia (2021). O trabalho pedagógico com essa postagem promove o desenvolvimento de saberes básicos, como distinguir fato da opinião relativa a esse fato, diferenciar a informação principal das secundárias em um texto, reconhecer diferentes formas de tratar uma informação, reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de palavras, frases ou expressões, conforme sugerido pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017). Além disso, vivenciar esses textos em sala de aula propicia aos estudantes o contato com situações reais de uso da linguagem tão apreciada pela LA vivida, como nomeia Pereira (2021), ou Crítica, como é chamada por Souza (2021), além de alimentar práticas de letramentos aos moldes de como defende Brito, Souza e Alencar (2023), ou seja, assumindo

posicionamentos e se distanciando da neutralidade que é irreal, o que proporciona a educação libertadora defendida por Freire (1974).

Em sala de aula, o(a) professor(a) poderia ler o texto junto aos alunos e questioná-los sobre seus próprios costumes quanto ao consumo diário de água. Em seguida, os estudantes poderiam realizar uma pesquisa sobre a orientação adequada para o consumo de água, tendo especial atenção em conferir a fonte da informação. A partir disso, o(a) docente poderia retomar a discussão para que a turma conseguisse se posicionar a respeito do hábito de consumo de água considerando e analisando a confiabilidade da fonte da informação, questionando quais sites, revistas, jornais, documentos são mais adequados para coletar esse tipo de informação, colocando em análise a confiabilidade do perfil @opovoonline. Ademais, o(a) professor(a) poderia ler a legenda da postagem em análise e pedir que os alunos refletissem sobre a quantidade de água que eles deveriam consumir levando em consideração os fatores individuais, climáticos, etário, de gênero, entre outros citados na postagem. Por fim, seria importante que os alunos reelaborassem a postagem de forma a fazer com que o estudo científico mencionado pudesse ser divulgado de maneira a beneficiar hábitos saudáveis de consumo de água para a população cearense.

É importante ressaltar o caráter interdisciplinar dessa orientação didática, pois, ao promover esse evento de letramento, como nomeia Street e Street (2014), mobilizamos várias áreas do conhecimento, uma vez que teremos que refletir sobre assuntos que envolvem escolhas linguísticas, saúde, condições climáticas, entre outras que possam surgir à medida que as discussões em sala avançam. Essa perspectiva tem afinidade com os preceitos teórico-metodológicos da LA que prima por objetos de estudos vivos, dinâmicos, sociais que envolvem a linguagem e que também são, inevitavelmente, indisciplinares, conforme caracteriza Moita Lopes (2011) ou inter/pluri/multi disciplinares, como caracteriza Scheifer (2013).

A proposta didática aqui sugerida com o texto da figura 2 está aberta aos aperfeiçoamentos e às emergências que surgirem em sala de aula, já que é muito importante que o(a) professor(a) seja sensível às demandas propostas pelos estudantes que podem ter leituras do texto diferentes da que foi proposta aqui.

Independente das alterações que podem ser feitas, o objetivo principal se cumprirá, pois a proposta é oportunizar letramentos críticos a partir de textos que veiculam a desinformação como forma de promover uma educação libertadora, aos moldes do que defende Freire (1974) e impedir que a mídia - principalmente no domínio das redes sociais – tida, *a priori*, como uma fonte confiável, não levem os cidadãos a situações de risco devido a informações distorcidas e parcialmente verdadeiras.

6 Considerações Finais

Com frequência, usamos o adjetivo “crítico” para caracterizar algo ou alguém de forma positiva, destinando normalmente o elogio para demonstrar um ponto de vista socialmente engajado e embasado em conceitos e argumentos científicos e comprováveis. Neste artigo, retomamos os conceitos teóricos-metodológicos de LA e de letramentos, problematizando o uso da palavra “crítico” para adjetivá-los no intuito de que esse adjetivo não seja usado de forma banal, conforme análise de Tilio (2019), e, ao usá-lo, sejamos conscientes dos conceitos teóricos intrínsecos a carga semântica desse vocábulo implicando engajamento sociais.

Além disso, levantamos a discussão em torno de um conceito de LA e de letramentos que não podem estar dissociados da criticidade, chegando à ideia de que, ao adjetivar essas concepções teórico-metodológicas usando o termo “crítico”, somos redundantes, ou melhor, pode-se abrir margem para compreensão de que há uma LA que não seja crítica e de que existem letramentos distantes do desenvolvimento da criticidade. Logo, é importante explicitar que não deve existir uma LA que não seja crítica, assim como todas as práticas de letramentos são críticas, pois revelam uma posição ideológica. Quando relacionamos isso à necessidade interminável de uma educação linguística para identificar textos que promovem a desinformação, entendemos o quão exequível é a discussão que propomos, uma vez que o termo letramentos tem uso ampliado para diversas áreas, definindo-se como expertise para ler textos de áreas específicas.

Dessa forma, apontamos que o trabalho didático com textos que veiculam a desinformação oportuniza letramentos que trazem implicações para viver em sociedade e para evitar mesmo tragédias que, muitas vezes, custam a vida de muitas pessoas. Por isso, é necessária a parceria entre escolas, universidades e comunidade, principalmente no que se refere à formação de professores(as) voltada para práticas emancipadoras.

Partindo dessa necessidade, neste estudo, descrevemos como pode ser realizado um direcionamento de leitura em sala de aula de textos que veiculam desinformação usando conhecimentos teórico-metodológico da LA, já que os textos foram coletados em perfis do Instagram, um ambiente social bastante frequentado pelos estudantes, ou seja, partimos de uma situação real de uso da linguagem e de uma necessidade social de discutirmos textos que veiculam desinformação como forma de educar para vida em sociedade e evitar que discursos não científicos, como o apresentado na figura 1, ou distorções de pesquisas científicas, como analisado a partir da figura 2, possam interferir, inclusive, na saúde dos estudantes.

Ademais, demonstramos como podem ser desenvolvidas propostas pedagógicas com esses textos promovendo letramentos que permitam que os próprios alunos problematizem, posicionem-se e engajem-se na (re)construção dos sentidos dos textos que promovem a desinformação. Cabe ainda apontar que a orientação pedagógica sugerida neste estudo vai ao encontro daquilo que orientado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Sobre isso, ao longo do texto da BNCC, é latente, no que se refere à área de Linguagens e códigos e suas tecnologias, a necessidade de promoção de aprendizagens que englobam conhecimentos relacionados ao uso de redes sociais, considerando os efeitos da pós-verdade e das bolhas digitais, além de ser intrínseca a preocupação com as questões linguístico-discursivas, o que justifica a urgência da proposta pedagógica a qual ousamos sugerir. É necessário ainda ressaltar que as orientações pedagógicas sugeridas não são a única forma de propiciar letramentos a partir da leitura desses textos, mas apenas uma sugestão que pode e deve ser aprimorada pelo(a) professor(a) no intuito de adaptá-las às salas de aula nas quais serão desenvolvidas.

Concluimos que a desinformação é um problema que faz parte do cotidiano de todos e que a escola deve assumir a responsabilidade de educar para amenizar esse problema social. De maneira mais específica, os professores(as) de línguas – bem como de outras áreas, interdisciplinarmente, já que a desinformação arquiteta-se discursivamente e tematiza diversos conteúdos – podem contribuir para amenizar essa problemática, oportunizando momentos de leituras embasados nos preceitos teóricos-metodológicos da LA e na pedagogia dos letramentos, pois, dessa forma, possivelmente formarão cidadãos críticos e agentes de combate à desinformação.

Referências

BEZERRA, Tânia Serra Azul Machado. *Gestão pedagógica* - Educação e sociedade. Fortaleza: UAB/UECE, 2014.

BRASIL. *Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. Disponível em <http://download.basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em 24 jun. 2024.

BRITO, Gílian Gardia Magalhães; SOUSA, Antonio Oziêlton de Brito; ALENCAR, Claudiana Nogueira de. *Práxis decolonial no Cursinho Popular Viva a Palavra: letramentos de reexistência*. Calidoscópio, São Leopoldo-RS, v. 21, n. 2, p. 322-339, maio/ago., 2023. DOI: 10.4013/cld.2023.212.06. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/25380>. Acesso em: 24 jul. 2023.

CASSANY, Daniel; CASSELLÀ, Josep. Aproximación a la literacidad crítica literacidad. *Perspectiva*, [S. l.], v. 28, n. 2, p. 353–374, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2010v28n2p353>. Acesso em: 22 dez. 2024.

CHARAUDEAU, Patrick. *A manipulação da verdade: do triunfo da negação às sombras da pós-verdade*. Tradução: Dóris de Arruda C. da Cunha e André Luís de Araújo. São Paulo: Contexto, 2022.

CORREA, Djane Antonucci. *Práticas acadêmicas integradas e transdisciplinares em conexão com práticas socioculturais: textualizações metapragmáticas*. Revista da Anpoll, [S. l.], v. 52, n. 2, p. 44–61, 2021. DOI: 10.18309/ranpoll.v52i2.1562. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1562>. Acesso em: 3 ago. 2023.

COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa. *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. 3. ed. Belo Horizonte: Ceale: Autêntica, 2011.

COSSON, Rildo. Letramento Literário: uma localização necessária. *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 31, n. 3, p. 173–187, 2015. DOI: 10.14393/LL63-v31n3a2015-11. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/30644>. Acesso em: 6 nov. 2023.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

MOITA LOPES, Luiz. Paulo. Da aplicação em Linguística à Linguística Aplicada indisciplinar. In: PEREIRA, Regina Celi. ROCA, Pilar. (Orgs.) *Linguística Aplicada – Um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Editora Contexto, 2009, p. 11-24.

PENNYCOOK, Gordon; RAND, David. Not biased: susceptibility to partisan fake news is better explained by lack of reasoning than by motivated reasoning. *Cognition*, [s.l.], v. 188, p. 39-50, 2019.

PEREIRA, Hylo Leal. *Concepção sociocognitiva de língua como elemento potencializador do processo de ensino-aprendizagem a partir da epistemologia da complexidade*. 2021. 492 f. Tese (Doutorado acadêmico) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2021. Disponível em: <<http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=105740>> Acesso em: 9 nov. 2023.

SCHEIFER, Camila Lawson. *Transdisciplinaridade na linguística aplicada: um processo de desterritorialização – um movimento do terceiro espaço*. RBLA, Belo Horizonte, 2013.

SILVA, Ametista de Pinho Nogueira. *Linguística Aplicada: o que é? Como se faz?* São Paulo: Editora Pontes. 2021.

SOARES, Magda. *Letramento e alfabetização: as muitas facetas*. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2004, n.25, pp.05-17.

SOUSA, Antonio Oziêlton De Brito. *Cartografia de letramentos de insurgência dos movimentos sociais da periferia: “atravessando a rua” com o Programa de Extensão Viva a Palavra*. Tese (Doutorado acadêmico) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada - Doutorado Acadêmico, Fortaleza, 2021. <<http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=105992>> Acesso em: 14 de fevereiro de 2024.

STREET, Bryan.; STREET, Joana. A escolarização do letramento. In: STREET, Brian. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. p. 121-144.

TILIO, Rogério. Transitando e transpondo (n)o conceito de “Crítico”: reflexões para uma Linguística Aplicada transgressiva e indisciplinar. In: FINARDI, Kiria Rebeca. (et. al.) (org.). Transitando e transpondo n(a) Linguística Aplicada. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019. pp 21- 31.

TARGINO, Maria das Graças; CAVALCANTE, Anderson Victor Barbosa. Admirável mundo novo da ética da informação 2.0 em tempos de fake news. *Informação em Pauta*, Fortaleza, v. 5, n. 1, p. 33-53, jan./jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.36517/2525-3468.ip.v5i1.2020.43238.33-53>. Acesso em: 16 out. 2022.

WARDLE, Claire; DERA KHSHAN, Hossein. *Desordem informacional*: para um quadro interdisciplinar de investigação e elaboração de políticas públicas. Tradução de Pedro Caetano Filho e Abílio Rodrigues. Rev. Isabela Carneiro e Lucas Andrade. Coleção CLE - Unicamp, volume 92. Campinas: editora CLE, 2023. 211p. Disponível em: <https://www.cle.unicamp.br/ebooks/index.php/publicacoes/catalog/book/93>. Acesso em: 22 dez. 2024.

Recebido em: 28/04/2025.

Aprovado em: 30/06/2025.